

## ROMANCE HISTÓRICO & ROMANCE NA HISTÓRIA

### ENTREVISTAS

### APRESENTAÇÃO

Mary Del Priore<sup>1</sup>

*“Conciliar ciências sociais e criação literária, é tentar escrever de maneira mais livre, mais original, mais justa, mais reflexiva, não para diluir a cientificidade da pesquisa, mas para reforça-la”*: palavras do historiador Ivan Jablonka que vem trabalhando para entender as ligações do velho casal *“história e literatura”*. Apesar da renovação contínua da historiografia, desde os anos 70 o historiador se transformou num especialista escrevendo para outros especialistas. No que deveria ser uma ciência, não há espaço para a arte. Engajados nesta direção, os historiadores, se transformaram em relojoeiros, em joalheiros, lembra Antoine Prost. Produzem pequenas joias, textos cinzelados onde brilha o saber e o saber-fazer, a extensão de sua erudição, sua cultura teórica, a engenhosidade metodológica, mas sobre assuntos ínfimos que eles dominam esplendidamente.

Os colegas da academia que os leem, aplaudem este tipo de virtuosismo e a corporação torna-se um clube de autocelebração mútua, marcada pelo prazer de apreciar estas obras artesanais. Mas, e depois? Onde nos conduz esta história que revela tesouros de erudição, micro objetos antes desconhecidos, mas que só têm interesse e sentido para os historiadores que estão na mesma área? Ela conduz ao isolamento. E, como propõem Jablonka, a saída seria renovar os votos de um matrimônio que já existiu. Ora, como sugeriu Jacques Rancière, não é *“saber se o historiador deve ou não fazer literatura. Mas qual literatura ele faz”*. Poderíamos dizer a mesma coisa, do escritor em relação às Ciências Sociais: o problema não é saber se ele fala do real. Mas se, por meio de sua escrita, ele oferece condições de compreender a realidade.

O público leitor, por outro lado, foge da aridez acadêmica. Deliciado, saboreia a ficção embebida na história. Aquela que o transporta e faz ver outros mundos, que os faz escutar outras vozes, que resgata outros tempos, que o introduz ao passado sem sofrimento. Só prazer. E o prazer em ler história-em-ficção vem de longe. Até o século XVII, momento do nascimento das *Belles-Lettres*, ou da chamada República das Letras, uma comunidade abstrata reunia poetas, filósofos, moralistas, historiadores e até astrônomos<sup>1</sup>. Com a proliferação de salões literários, academias, mecenas, da imprensa e, sobretudo, da

---

<sup>1</sup> Mary Del Priore é historiadora e escritora. Pós-doutora pela École des Hautes Études em Sciences Sociales, em Paris (EHESS). Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em História da Universidade Salgado de Oliveira (PPGH-UNIVERSO). É sócia titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro- IHGB e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro- IHGRJ. Integra, igualmente, o quadro de sócios do Pen Clube do Brasil e da Academia Carioca de Letras. É membro da Academia Portuguesa da História, da Real Academia de la Historia, na Espanha. E -mail: marydelpriore@terra.com.br

codificação de uma linguagem definindo o que fosse o “*homem de letras*”, o historiador se tornava, por osmose, também um escritor e vice-versa. Um era o outro. Os romances de Walter Scott demonstram que o mesmo escritor que idealizava cavaleiros e castelos, usava, como qualquer historiador, as informações extraídas das crônicas medievais, conservadas em velhas bibliotecas ou arquivos. De seu *Ensaio\_sobre\_as\_Revoluções* ao *Memórias de Além-Túmulo*, Chateaubriand fez de tudo: história de sua família, autobiografia, história do Antigo Regime, da Revolução de 1789 e de Napoleão. No início do século XIX, os historiadores-escritores inspiraram uma geração de escritores-historiadores com seus temas, cronologias e narrativas. O *Ivanhoé* de Walter Scott foi seguido por *Notre Dame de Paris*, de Victor Hugo, de *Os Chouans* de Balzac e dos romances de capa e espada de Alexandre Dumas.

Alguns como Alfred de Vigny, e entre nós, José de Alencar, tinham o zelo de citar ao pé da página, os documentos históricos dos quais extraíam informações para sua ficção. O uso de mapas antigos, imagens, descrições, diálogos, detalhes e até viagens – como a que fez Chateaubriand à Itália para escrever *Os mártires* - “vivificavam a história”. Lembro aqui que, décadas mais tarde, Marguerite Yourcenar fez a mesma viagem para escrever seu *Memórias de Adriano*. Tal conjunto de fontes documentais sempre permitiu ao leitor acreditar que, apesar da distância, os homens do passado eram dotados de vida e habitados por paixões. Torneios, raptos, festas e crimes faziam de duques, princesas e reis, contemporâneos dos leitores, tão bem descritos, vivos ou “*ressuscitados*” como diria o historiador Jules Michelet. Ao final dos anos 80, vários historiadores se insurgiram contra a servidão voluntária, a obediência cega aos métodos marxistas e quantitativistas que vicejavam nas universidades. Lawrence Stone, Georges Duby, Nathalie Davies entre outros resolveram dar prazer ao leitor. Resolveram dar prazer, mas, também, ter prazer na redação da pesquisa.

O resto? O resto se seguiria com as regras do ofício: rigor, honestidade, ritmo. A moda das biografias, a necessidade das descrições no lugar das explicações, as “*artes de contar*” esmagaram a obsessão com as estruturas. Historiadores do porte de Michel de Certeau, Paul Veyne, Paul Ricoeur<sup>ii</sup>, entre outros, demonstraram, cada qual com seus métodos, que a história tinha necessidade de intrigas, de figuras de estilo, de cenários. Veyne chega a dizer que não há “*diferença entre história e ficção*” ou que “*a história é um romance verdadeiro*”. Enfim, os debates são profundos e não vou submergi-los com eles. Porém, para celebrar tais disposições, convidamos os três mais importantes escritores brasileiros amigos da História, Nélida Pinõn, Ana Miranda e Alberto Mussa, para falar de suas impressões sobre o casal. Seus livros de capacidade encantatória, deveriam ser adotados em cursos da disciplina para, como diria Pascal, nos ensinar a escrever, sorrindo.

<sup>i</sup> - Michel Mafessoli, *La Republique des Lettres*, Paris, Gallimard, 2012.

<sup>ii</sup> - Paul Ricoeur, *Temps et récit*. vol. I, Paris, Seuil, 1983, Jacques Rancière, *Les noms de l'Histoire*, - *Essai de poetique de savoir*, Paris, Seuil, 1992.